

Cinema Paradiso

Jacques Fux

Jorge se preparava para (re)conhecer a vigília. Vivera por muito tempo cego. Seu conhecimento não era empírico. Mas estava diante de uma brilhante oportunidade. De transcender. De tomar um novo caminho. Aqui bifurcaria sua vida? Ansiedade. Medo. Insegurança. Não sabia que roupa vestir. Não sabia que versos escolher. Não sabia como enfrentar o desconhecido. Beatriz estava fascinada por ele. Ela tinha se encantado por encantos que não conhecia. E aí habitava seu desejo. Supriria sua falta. Jorge estava fascinado pela beleza de Beatriz. Por seus olhos, que o faziam reviver o registro indelével do primeiro amor. Do grande e inatingível amor sempre presente. Encontro marcado. Jorge revelou-se falante. Divertido. Filosófico. Niilista. Beatriz não se revelou, seduzindo-o ainda mais. Mistério. Bruma. Fetiche. Era preciso agir. Jorge tinha que acabar com uma fase de sua vida. Era preciso enveredar-se por novos caminhos. Era ainda um menino de pouca ação, mas que deveria agir. Abraçou-a. Coração saltitante. Acariciou-a. Mão gélida e úmida. Admirou-a. Olhar encantador. Estavam em pé, mirando toda a cidade, que os assistia. Como em um filme, daria seu primeiro beijo. Tentou a primeira vez. Não conseguiu desvencilhar-se de si mesmo. De seu pânico. Tentou novamente e, ofegante, recuou. Tentou, não encontrou o momento. Tentou infinitas vezes num mesmo instante, num mesmo sonho. Por fim, inebriado por todos sentimentos e hormônios, beijou-a. Beijo que tocou a canção do exílio em seu coração. Beijo poético. Literário. Humano. Demasiadamente humano. Beijo que não gostou. Que não se recorda. Mas que rememora sempre, o primeiro, o único, o Beijo!

Apaixonara-se. Apaixonado e ingênuo vivia Estevão. Ainda era um artista muito, mas muito jovem. Já havia conhecido o beijo por uma vez. Apenas lembrava-o. Distante. Gélido. Titubeante. Queria mais. Muito mais. Amava Anna O. Amava-a com toda sua poesia e desgosto. Antecipava prazer e dor. Vislumbrava-a durante seu sofrimento onanista. Anna O., com seu corpo pueril e sua mente rica em devaneios. Imaginava-os apenas literários. Fascinantes. Encontravam-se com muita frequência. Estevão apenas sonhava-a como a mulher ideal. Inalcançável, como muitas outras. Nutria carinho, admiração e muito tesão por Anna. Mas, *once upon a time*, ela chegou tão diferente do seu jeito de chegar. Olhou-o de um jeito muito mais quente do que sempre costumava olhar. E Estevão não percebeu. Já a tinha possuído naquele dia (e em todos os outros), em seu íntimo. Mas ela, sedutora e imprevisível, provocou-o com diferentes carinhos e carícias. Mostrou-se carente, indefesa e receptiva. Estevão sentia, demais. E, pelo excesso, não percebia o desejo que, de forma inédita, despertara em Anna O. Anna repousou-se em seu ombro. Provocou-o. Encantou-o ainda mais. Estevão, artista jovem, falo em riste, arrebatado por um instante obscuro, labiríntico e, em pânico, beijou-a. Beijo que uniu desejo e amor. Beijo epifânico. Que coloca a mulher ideal no corpo da menina real. Ao seu lado. No seu colo. Bolinava-a ao som da canção. Beijo que o transformara verdadeiramente em artista.

Um *café*. Uma xícara de chá. Um doce. Uma vontade de rever tamanha beleza. Sentir novamente o perfume inebriante das flores. E do mal. Reviver reminiscências. Sonhar novos sonhos. Reencontrar o beijo dado como amador e como jovem artista. Sim, Charles estava novamente pronto para tudo isso. Aguardava com aflição. O atraso de Francesca era grande. Muito grande. Tempo perdido? Talvez. Enquanto isso, esperava e sonhava o encontro. Encontro que já tinha ocorrido de modo inusitado. Em um lugar improvável. E que se repetiria em instantes. Longos instantes. Francesca chegou, finalmente. Aroma arrebatador. Tão atraente e sedutor que fez com que Charles se remetesse a outros mundos, tempos e sensações. A troca é agradável. Deliciosas descobertas e novidades. Um café eternizado pela beleza do instante. Do momento. Da quimera. Quimera de não ser correspondido na conjunção dos lábios. Do toque. Do real. Charles estava decidido a desafiar seus monstros. Embora conhecesse o beijo, não conhecia o êxito. O êxtase. Já não ouvia mais o que Francesca declamava. Só pensava em agir. Sudorese. Disritmia. Temor. Tremor. Puxou-a com todo o carinho, afeto e esperança. Promessa de um novo caminho. Beijou-a. Beijo finalmente encantador. Cessara de se sentir medíocre, contingente, mortal. Beijo que o remetera, involuntariamente, ao passado. Beijo que o fez passear por belos e novos campos elísios.

E viver tinha sido mesmo muito perigoso. O amor transformara-se em vazio. A amizade em rebeldia. O sossego em desinquietação. O quente em frio. Estaria condenado ao *etecetera* da vida? Era preciso coragem para continuar. Era preciso o amor amigo. Dos irmãos-amigos, companheiros da longa e metafísica jornada. Neste imenso mundo que é todo nosso sertão. E, em mais uma tarde de desesperança e comiseração, foi acudido. A vida caminhava normalmente lá fora. João teria que se juntar novamente ao rodar do mundo. E o acaso o protegeu. Em uma horinha de descuido, acabou por encontrar sua amada. Amanda(o). Completamente diferente de tudo que sonhara. Estranha e bela. Leve. Despojada. Sem suas dores existenciais e poéticas. E um milagre, apesar de nada ver, acontecia. Preenchia novamente seu corpo de desejo. De vontade. De vida. Papearam diversos dias. Diversas jornadas. Viver já nem era assim tão perigoso. João, olhando Amanda(o), descansava de sua loucura. Descobria-se inacabado. Incompleto. As coisas podiam não ser sempre iguais. E ele podia reinventar-se. E assim o fez. Angustiado e ansioso pela possibilidade do beijo, propôs: *quero te fazer um carinho*. Realizou seu desejo. Preencheu-se com delicadeza. Teve e mereceu sua sorte. Viveu sua epopeia. Beijou-a. *Meu amor!*... Beijou-a muito. *Meu amor!* Beijo que o fez viver aventuras gloriosas. Retumbantes. Sofrer depois de ter sofrido. Amar, mais ainda, depois de ter amado. Beijo que só foi, só é e só fica sendo para, assim, de fato, ser o Beijo.

Arrebatamento. Dor. Loucura. Dramática desilusão amorosa. Castração. Retorno à escuridão. Divã. Mais um desencontro vivia Schlomo. Achava que tinha reencontrado sua metade cabalística ou grega. Ledo engano. Haveria vida depois da amada? Não era mais capaz de pensar. Nem de desejar. Muito menos de sonhar. Tinha se entregado tanto. De tantas maneiras. De todas as formas. Com todos os sonhos. Pecou pelo excesso. Pela falta da falta. Pela carência do jogo-sedução. Ausência de malícia. E assim, entregue à dor, não mais caminhou em busca de outro amor, mas de entender o amor. O sabor da dor. Compreender o desencontro e o desencanto. Não encontraria jamais o espelho da Mãe. Sessões.

Estudos. Leituras. Busca do seu eu interior. Luto e melancolia. Schlomo perscrutou seu luto. E da queda fez um pequeno passo de dança. Sua ruptura separou o amor do desejo. Passou a desejar todas e não amar nenhuma. E viu caminhar por uma festa Isolda. A de mãos brancas. Mas que Schlomo almejou com todo seu falo. E atrás foi. Jogou. Jogou-se na aventura. Conquistou-a. O fim justificaria seu plano de sedução. Procurando abafar, sufocar, asfixiar sua dor, jogou um jogo que ainda não tinha jogado. Tomado por ímpeto sexual, beijou-a. Beijo que o irrigou de sangue e prazer. Já não buscava mais a utopia do beijo, mas sua praticidade. O fim seria o sexo e não mais o amor. Beijou-a possuindo-a vorazmente. Cobiça. Ambição. Aprendera a beijar pelo jogo.

E assim jogava Georges. Ludicamente sério, conquistava. Seriadamente lúdico, encantava. Através de suas regras, controlava seus traumas e sentimentos. Impunha restrições ao seu amor. Já havia sofrido demais. E por demais desejava. Tinha tudo que não queria. Não tinha nada que queria. E ambicionava infinitos beijos. Preencheria lacunas. Completaria espaços. Reescreveria histórias. Sua história. A história de seus beijos. E os buscava com rigor matemático. Flertava sempre. Demais. E não se expunha mais. Mistério. Enigma. Cálculo. Nascia assim nas mulheres o desejo pelos seus jogos. Por suas trapaças amorosas. E *tombadas* ficaram tantas. Sofreu, por vezes, já que alguns de seus puzzles e planos não se encaixavam. Inventou para isso novos jogos. Esconde-esconde de si mesmo despertando paixões. Criou uma vida e seu modo de usar. E beijou. Muito. E tanto. Superou a memória da infância. Modificou as coisas que o faziam sofrer. Despertou. Ressentiu muito, mas continuou com suas novas restrições e descobertas. E beijou muito pela arte. Pelo quadro. Pelo outro. Pela lista. Pela arte. Pelo beijo.

E assim viveu Tomás (Totó) seus vários beijos. O Beijo de Rodin. De Klimt. Di Cavalcanti. Toulouse-Lautrec. Magritte. Picasso. Brancusi. Chagall. Bouguereau. Cezanne. Renoir. Munch. Todos os beijos. Os presentes aqui. Ali. No etc. da vida. No cinema. Os beijos amados. Amantes. Amorosos. Árdus. Atraentes. Audazes. Belos. Bestas. Beatos. Belicosos. Cativantes. Classificados. Canalhas. Crápulas. Débeis. Dogmáticos. Dativosos. Debilitados. Errados. Errôneos. Ébrios. Ebrifestivos. Faltantes. Faltosos. Frios. Fugazes. Fugidios. Gélidos. Galopantes. Gaiatos. Galanteadores. Hipócritas. Hábeis. Habituais. Hedonistas. Idiotas. Imbecis. Irrepreensíveis. Inconfundíveis. Judeus. Jesuíticos. Juramentados. Justificados. *Kosher*. Kamikazes. *Know-how*. *Knockout*. Libertários. Libertinos. Laboriosos. Latinos. Maldosos. Maliciosos. Meticulosos. Macabros. Nilistas. Neologistas. Narcisos. Naturistas. Onanistas. Obliterados. Obsidentes. Obstetrícios. Pacientes. Parcimoniosos. *Paradisos*. Pegajosos. Querofóbicos. Queromaníacos. Quarentões. Quiroscópicos. Ridículos. Raivosos. Racionais. Radiantes. Sensuais. Sexuais. Satíricos. Sapientes. Tabagistas. Terapêuticos. Tirânicos. Teimosos. Úmidos. Ultrajantes. Uniformizados. Universitários. Viris. Vulgares. Vulva. Vistosos. Xeretas. Xoxota. Xexos. Xilomânticos. Zelosos. Zangados. Zoados. Zetéticos. *Zeus*¹.

¹ Palavra em Hebraico que significa fim.